Dia 20 — Santa Irene, Virgem e Mártir

Martirológio Romano

O martírio de São Máximo, diácono e mártir, em Forcona, junto a Áquila, no Abruzzo (pelos anos de 230, imperando Diocleciano). Pelo desejo que tinha de padecer, descobriu-se aos perseguidores e, depois de uma constante e gloriosa confissão, foi estirado e atormentado no potro, logo espancado e, por último, tendo-o precipitado de uma grande altura, dormiu gloriosamente no Senhor.

São Caprásio, mártir, em Agen, na França; o qual, tendo-se escondido numa cova fugindo da perseguição, como chegasse a sua notícia a fortaleza com que Santa Fé, virgem, padecia por Cristo, animando-se ele à mesma peleja, pediu ao Senhor que, se o julgava digno da glória do martírio, fizesse sair água clara da penha de sua cova; e obrando Deus aquele milagre, foi-se seguro ao campo de batalha, onde, combatendo generosamente, mereceu a palma do martírio no tempo de Maximiano. (Veja-se a história de Santa Fé entre as do dia 6 deste mês.)

Santo Artêmio, capitão-general, em Antioquia; o qual, tendo obtido os primeiros empregos na milícia no tempo de Constantino Magno, por ordem de Juliano o Apóstata, a quem havia repreendido pela crueldade que usava contra os Cristãos, foi primeiramente espancado e atormentado com outras penas e por último degolado.

O martírio das santas virgens Marta e Saula, com outras muitas, em Colônia. (Natal Alexandre e os autores do novo Breviário de Paris têm esta Santa Saula por Santa Úrsula.) (Veja-se a história desta Santa entre as de amanhã.)

O martírio de São Feliciano, bispo e mártir, em Minden.

Os santos Jorge, diácono, e Aurélio, mártires, em Paris. (O Martirológio Romano faz já memória destes dois santos Mártires espanhóis em 27 de julho, juntamente com seus santos companheiros Félix, Sabigoto e Liliosa, em Córdova, na Espanha. É de inferir, pois, que a notação de Paris que põe hoje a nossos Santos o Martirológio Romano se refere à circunstância de haverem sido suas relíquias trasladadas hoje mesmo a São Germano de Paris, na França, durante a dominação dos árabes na Espanha.) (Veja-se a história destes Santos entre as do dito dia 27 de julho.)

Santa Irene, virgem e mártir, em Portugal. (Veja-se sua vida entre as de hoje.) São Sindulfo, confessor, numa aldeia da diocese de Reims.

Santa Irene, Virgem e Mártir

Santa Irene, cuja memória é e tem sido célebre com especialidade em Portugal, segundo se acredita pelos monumentos eclesiásticos daquele reino, nasceu num povo dele chamado antigamente Nabância, pelo qual alguns escritores hoje entendem a vila de Tomar. Seus pais Hermígio e Eugênia, mais distinguidos no país por sua piedade que por sua qualificada nobreza, aplicaram o maior esmero em dar à menina uma educação cristã; mas como se achava dotada com as mais belas disposições de natureza e graça, custou-lhes pouco trabalho conseguir o efeito de seus bons desejos. Prevenida desde o berço com as mais doces bênçãos do céu, em nada encontrava diversão senão nos consolos espirituais e toda a sua ambição e todos os seus desvelos eram consagrar-se inteiramente ao Senhor.

Um tio seu chamado Célio, abade do mosteiro de Santa Maria, sito perto de Nabância, edificado e admirado da índole admirável, dos raros talentos e da inclinação à virtude que manifestava sua sobrinha, resolveu contribuir eficazmente ao cultivo daquela nobre planta, que oferecia desde logo dar com o tempo frutos abundantíssimos no jardim da Igreja. Com esta mira encarregou a Remígio, monge do mesmo mosteiro, que ensinasse à menina as letras que convinha soubesse, interessando-se igualmente em fomentar as nobilíssimas ideias de perfeição que descobria Irene, que se criava com Júlia e Casta, tias suas, e outras exemplares donzelas, as quais viviam com grande recolhimento, dedicadas ao serviço de Deus, com total separação dos tumultos do século.

Brilhava Irene em seu retiro, tanto em discrição como em virtude, adiantando-se nesta conforme ia crescendo em anos, sem sair para outra parte que para o templo a oferecer seus votos ao Senhor ante os altares e a frequentar os Sacramentos. Chegou aquele ponto de idade em que sua natureza manifestou as apreciáveis qualidades de formosura, vivacidade, ar, talentos e desembaraço com que se achava dotada sobre as jovens de seu tempo; e ainda que por seu recato, por sua modéstia e por sua compostura procurava ocultá-las, apesar de suas indústrias viu-a um dia Britaldo, filho de Castinaldo, senhor do povo, o qual ficou tão cegamente enamorado dela que, não podendo lográ-la por esposa, ainda que se valeu de quantos meios pôde sugerir-lhe uma paixão cega, veemente e persuasiva, porque Irene tinha consagrada sua virgindade ao Esposo eterno, caiu numa profunda melancolia e lastimosa tristeza que o puseram em iminente risco de perder a vida, sem que os mais hábeis facultativos acertassem com o remédio, pois ignoravam a raiz de sua doença.

Teve a Santa revelação da enfermidade que padecia Britaldo e da causa motiva; e movida de caridade determinou visitá-lo, confiada na graça do Senhor que lhe inspirava aquele piedoso pensamento, a fim de curar o jovem possuído de uma paixão que expunha sua salvação. Com efeito, acompanhada de algumas pessoas honestas, passou à casa do enfermo e, manifestando-lhe este com a correspondente cautela a causa de seu mortal acidente, falou-lhe Irene com tanta energia sobre as prerrogativas e excelências da castidade e dos grandes favores com que Deus

premia esta virtude tão agradável a seus divinos olhos que, serenado Britaldo inteiramente, deixou-o consolado e até reconhecido de seu caritativo ofício; bem que, para maior tranquilidade de seu espírito, quis antes de despedir-se a santa Virgem que lhe prometesse que não poria seu afeto em outro algum, ameaçando-a do contrário com a morte.

Voltou Irene a seu retiro cheia de alegria pelo feliz êxito de uma expedição tão perigosa, que reconheceu devida à divina assistência; e quando continuava mais fervorosa em seus louváveis exercícios, invejoso o demônio dos grandes progressos que cada dia fazia na carreira da perfeição sustentada com a graça, suscitou um dos mais estranhos artifícios de sua malícia para manchar a pureza da santa Virgem. Valendo-se da familiaridade que tinha Remígio com Irene por motivo de seu magistério, começou a fazer ao monge tão cruel guerra, levantando em seu coração uma tempestade desfeita de tentações desonestas que, rendido enfim aos violentos ataques do tentador, veio a manifestar sua cega paixão à castíssima donzela; mas como esta era tão amante da pureza, envergonhada de uma solicitação tão inesperada em quem se encarregou de fomentar nela as mais santas ideias, cheia de rubor repreendeu a audácia do lascivo religioso; o qual, corrido mas não emendado de seu arrojo, convertendo o desenfreado amor em aborrecimento, resolveu vingar-se da inocente Virgem, dando-lhe a beber artificiosamente uma bebida que lhe elevou o ventre em termos que parecia estar grávida.

Divulgou-se a infame nota por todo o povo, fácil de crer semelhantes novidades; soube-o Britaldo e, aceso em descompassados ciúmes, lembrando-se do pactuado e oferecido por Irene, resolveu dar-lhe a morte, sob o suposto de que havia posto seu amor em outro violando sua promessa. Valeu-se de um soldado para a execução de tão ímpio atentado, o qual buscava com a maior diligência ocasião proporcionada para satisfazer seu intento. Saiu uma noite a Santa a desafogar suas penas à margem do rio Nabão, vizinho do povo, ao qual deu o nome de Nabância; e quando estava de joelhos na mais fervorosa oração banhada em lágrimas, clamando ao Senhor que a livrasse da infâmia que padecia, pois lhe constava sua inocência, acometendo-a o assassino, atravessou-lhe a garganta com uma espada e, para encobrir tão abominável fato, arrojou ao rio o corpo da ilustre Mártir.

Já se deixa discorrer o sentimento que causaria a suas tias Júlia e Casta a perda de Irene. Estavam inconsoláveis, temendo algum rumo desastrado na sobrinha, estimulada da dolorosa pena que a afligia continuamente; mas aquele Senhor que permitiu o atentado por seus juízos impenetráveis providenciou os mais assombrosos meios para declarar a inocência de sua fidelíssima serva.

Achava-se em oração seu tio o abade penetrado do mesmo sentimento e, tendo-lhe revelado Deus todo o suceso circunstanciado, valendo-se do alto conceito que devia ao povo, convocou-o e conduziu em solene procissão ao lugar do homicídio. As correntes do rio Nabão haviam levado o venerável cadáver ao caudaloso rio Tejo e, chegando a ele a procissão, viram com admiração todos os concorrentes que, retiradas as águas de sua antiga corrente, haviam deixado em seco o corpo da Santa sobre um suntuoso sepulcro, lavrado por ministério dos Anjos, com repetição do mesmo assombroso prodígio que sucedeu na morte de São Clemente pontífice.

Quis o abade com toda a comitiva extrair o cadáver daquele lugar; mas não podendo consegui-lo apesar das mais eficazes diligências, ficaram todos convencidos de que era a vontade de Deus que

ali permanecesse, confirmando-se mais neste conceito com o novo prodígio que ocorreu logo que se retiraram, que foi voltar as águas do Tejo a sua antiga corrente, cobrindo com sua cristalina pureza a infame nota que fulminou a iniquidade contra a casta esposa de Jesus Cristo, que quis recomendar a santidade de sua fidelíssima serva com a referida maravilha e com outros muitos milagres que obrou ao contato de algumas relíquias que o abade trouxe a seu mosteiro: tomando o povo de Scalabis, em cuja jurisdição estava o sepulcro, o nome de Santa Irene, bem que, corrompido e abreviado o vocábulo, ficou no de Santarém.

Do monge Remígio e do soldado que assassinou a santa Virgem dizem os Breviários que em Roma fizeram digna penitência de seus pecados. Fixam este suceso no ano 653, em que reinava Recesvinto na Espanha.

São João Cancio, Sacerdote Secular

São João Cancio nasceu a 24 de junho de 1406 num lugar chamado Kenty, do bispado de Cracóvia, no reino da Polônia. Seus pais foram Estanislau e Ana, ambos ilustres não menos pela nobreza de seu sangue que por sua cristã piedade, na qual criaram com grande diligência seu filho João, inspirando-lhe desde seus ternos anos, com suas palavras e exemplos, o aborrecimento ao vício e o amor à virtude. Por este motivo teve João a feliz sorte, ou para dizê-lo melhor, recebeu de Deus Nosso Senhor a graça de conservar a inocência e de evitar os pecados e desordens a que costuma estar demasiado sujeita a idade juvenil: depois de haver passado João os primeiros anos sob o cuidado de seus piedosos pais e de haver aprendido em sua mesma casa as letras humanas, enviaram-no estes à cidade de Cracóvia para que naquela universidade, recentemente fundada por Ladislau, rei da Polônia, estudasse a filosofia e teologia. Com efeito, o servo de Deus estudou estas faculdades na dita universidade com muita diligência e aplicação; e como era de um engenho muito perspicaz e penetrante, aproveitou tanto no estudo que obteve em ambas o grau de doutor ou mestre, o qual naqueles tempos se concedia, não por cerimônia e pura formalidade, como frequentemente sucede ao presente, mas por recompensa da virtude e como um autêntico testemunho da habilidade daqueles que o obtinham.

Mas o que mais importa é que São João conservou sempre a mesma pureza de costumes em meio das ocupações de seus estudos e entre os perigos a que se achava exposto fora da vista e sujeição de seus pais. Para este fim levava uma vida retirada e mortificada, alimentava sua alma com o doce pábulo da oração, da lição espiritual e dos santos Sacramentos; sobretudo, resplandecia nele uma singular humildade, que é a base e o fundamento da piedade cristã. Por cujo motivo, ainda que os principais doutores e mestres da universidade estimassem e admirassem muito seu mérito e suas virtudes, ele se reputava sinceramente o menor de todos e se cria indigno de qualquer honra ou magistério. Por isso foi preciso fazer força a sua humildade para que consentisse em receber primeiro o sobredito grau de doutor e depois o cargo de ensinar a outros a filosofia, o qual desempenhou tão excelentemente e com tão universal aplauso que os reitores daquela

universidade o elegeram duas vezes decano do colégio de doutores de filosofia da mesma universidade. Depois que por algum tempo o servo de Deus houve ensinado a filosofia, deixando os estudos filosóficos aplicou-se inteiramente ao estudo da sagrada teologia, da qual foi mestre excelente, quando foi destinado a ensiná-la aos jovens seculares que de todo o reino da Polônia acudiam em grande número àquela universidade. As lições que fazia sobre as matérias teológicas as tirava todas das fontes puras da sagrada Escritura e da tradição da Igreja; procurando não só alumiar o espírito de seus discípulos com a luz da ciência, mas também inflamá-lo no ardor da caridade e piedade cristã; ao logro de cujo objeto contribuía muito o exemplo de sua santa vida, cheia de virtudes, e na qual como num claríssimo espelho podiam olhar-se os jovens que frequentavam sua escola e aprender o que deviam praticar.

Entretanto, crescendo no homem de Deus o fervor de espírito e o desejo de ajudar a seus próximos, tendo já abraçado o estado eclesiástico, foi promovido pelo bispo de Cracóvia ao grau de sacerdote e destinado a dispensar ao povo o pão evangélico da palavra de Deus. Então a virtude de João resplandeceu com maior lustre aos olhos de todos; porque, quando se aproximava do altar para oferecer a Deus o incruento sacrifício, que era todos os dias, era tal sua compostura e devoção que causava suma edificação a todos os presentes. Do mesmo modo, quando subia ao púlpito a pregar a palavra de Deus, era tão grande seu zelo e a eficácia de suas palavras que ocasionava em seus ouvintes uma extraordinária comoção, sendo seu costume repreender os vícios com liberdade evangélica, sem olhar respeitos humanos; pelo que era copiosíssimo o fruto que tirava de seus sermões. Nem era menor o zelo que descobria nas conversações e práticas familiares, exortando a todos a fugir ao pecado e abraçar a virtude. Finalmente, continuando o servo de Deus, ainda depois que foi sacerdote, em ensinar a sagrada teologia na universidade de Cracóvia, não se pode bastantemente declarar quais e quantas fossem as indústrias de que se valia para imprimir nos ânimos dos estudantes o horror ao vício e o amor a Deus nosso Senhor e às máximas santas de nossa católica Religião; pelo que de sua escola saíam os jovens não menos doutos nas verdades e dogmas de nossa santa fé que instruídos e fundados nas máximas da cristã piedade. Em suma, o santo e piedoso sacerdote em todas as suas ações e discursos procurava sempre promover a glória de Deus e a salvação das almas redimidas com o sangue de Jesus Cristo, tendo fixas em seu espírito as palavras deste divino Salvador, com as quais ensinou a todos os Cristãos, e mais em particular aos sacerdotes, que a caridade do próximo é o caráter próprio e distintivo de seus verdadeiros discípulos.

Esta caridade de João para com seus próximos o impelia a socorrer da maneira que podia as necessidades temporais das pessoas aflitas e menesterosas. Por isso empregava a maior parte dos honorários que recebia como lente e mestre da universidade de Cracóvia em socorrer as necessidades das viúvas, dos órfãos e dos pobres. Todos os anos, ao aproximar-se o inverno, costumava prover de vestido e de calçado, enquanto o permitiam suas forças, as pessoas que se achavam faltas dele, a fim de defendê-las do frio, que costuma ser rigorosíssimo no país setentrional da Polônia; e algumas vezes, encontrando algum pobre descalço, dava-lhe seu próprio calçado e ele voltava descalço a sua casa, deixando cair a capa até a terra, a fim de que sua mortificação e misericórdia não fosse conhecida: outras vezes, achando algum pobre mal coberto, tiritando de frio, despia-se de seus próprios vestidos para cobrir a nudez daquele pobre, no qual com os olhos da fé reconhecia a pessoa de Jesus Cristo: sucedeu não poucas vezes que, achando-se já sentado à mesa com os outros doutores do colégio da universidade, com os quais vivia como

em comunidade, tendo uma mesa e habitação comum, ouvindo passar pela rua algum pobre que pedia esmola, privava-se da própria comida para dá-la àquele pobre faminto; e daqui resultou que os doutores da universidade, movidos do exemplo de seu santo companheiro, estabeleceram subministrar todos os dias a um pobre o necessário alimento, como se fosse um de seus comensais, o que se tem observado sempre desde então e se observa ainda em nossos dias. Quanto o Santo era propenso a socorrer a necessidade de seus próximos, até privar-se para este fim das coisas necessárias, tanto era amante de mortificar-se, fazendo frequentes e rigorosos jejuns e vestindo pobremente; de modo que no inverno, que, como se disse, é rigorosíssimo na Polônia, sofria a incomodidade do frio; e para mortificar mais sua carne e sujeitá-la ao espírito, costumava dormir pouco e muitas vezes sobre umas tábuas nuas ou bem sobre o chão; costumava cingir os lombos com um áspero cilício e tomava frequentes e rigorosas disciplinas. Mas sabendo que o principal estudo de um cristão deve consistir na interior mortificação das paixões, não deixou jamais de exercitar-se todo o tempo de sua vida em toda sorte de mortificações. Daqui resultou que não só sofria com alegria de sua alma qualquer palavra injuriosa que se lhe dissesse e qualquer desprezo que se fizesse de sua pessoa, mas buscava de propósito as ocasiões de ser humilhado e desprezado, sendo nisto mais diligente do que o são os homens do mundo em buscar as ocasiões de ser exaltados, elogiados e estimados; e com o fim de ter sempre diante de seus olhos estas máximas evangélicas tão contrárias ao amor-próprio e à inclinação da natureza, tinha escritos alguns versos nas paredes e na porta do quarto de sua habitação e nos livros de seu uso, que lhe lembrassem a resolução que havia feito de humilhar-se e envilecer-se em todas as coisas.

O manancial de onde se derivavam à alma do bem-aventurado João as luzes e as graças celestiais para praticar a caridade, a humildade e as demais virtudes cristãs era a oração, na qual empregava todo o tempo que lhe ficava livre de suas ocupações, todas dirigidas à glória de Deus e à salvação das almas: neste exercício da oração e na leitura dos Livros sagrados passava a maior parte da noite, pois, como se disse, não dava a seu corpo senão um breve e incômodo repouso. A matéria mais frequente de sua oração e meditação eram os mistérios da vida e paixão de Jesus Cristo nosso Salvador; e costumava passar muitas horas da noite, quando os demais dormiam, prostrado diante de uma devota imagem de Jesus Cristo crucificado, colocada perto da porta da habitação dos doutores do colégio da universidade onde o Santo habitava. Aqui ficava muitas vezes absorto e arrebatado em dulcíssimos êxtases, contemplando o infinito amor de um Deus abatido e humilhado até a morte de cruz pela salvação do gênero humano, e anegava-se em ternas lágrimas considerando a monstruosa ingratidão dos homens, os quais correspondem tão mal à excessiva caridade de seu amável Redentor.

Esta terna devoção à paixão de Jesus Cristo o fez empreender a peregrinação à Terra Santa, a fim de visitar os lugares santificados com a presença corporal de nosso divino Salvador; fez esta larga peregrinação sempre a pé, recusando aceitar a comodidade da cavalgadura que os que o acompanhavam nesta viagem frequentemente lhe ofereciam. Assim que chegou à Palestina visitou aqueles lugares em que se veneram as memórias dos mistérios de nossa redenção, especialmente o Santo Sepulcro, com tal compunção de coração e tantas lágrimas de devoção que, se se lhe houvesse permitido, não se houvera separado daqueles santos lugares em todo o resto de sua vida. Depois que o servo de Deus houve satisfeito a sua devoção, voltou a seu país do mesmo modo que havia saído dele; a saber, sempre a pé e com muito recolhimento de espírito e todo aceso em novas e ardentes chamas da divina caridade. Tinha também o Santo uma particular

devoção aos príncipes dos apóstolos São Pedro e São Paulo; por cuja causa quatro vezes em distintos tempos foi a Roma na mesma forma de pobre peregrino e com o mesmo espírito de recolhimento e de penitência. Todo o tempo que se deteve em Roma o empregou em visitar o sepulcro dos santos Apóstolos e os demais santuários de que abunda aquela metrópole do cristianismo, sem cuidar de ver as coisas curiosas e a magnificência daquela grande cidade; porque em suas peregrinações não buscava senão visitar e venerar as memórias e as relíquias dos Santos, com o fim de animar-se sempre mais a seguir suas pegadas e a implorar sua proteção para chegar ao mesmo término da vida bem-aventurada de que eles gozam no céu.

Numa destas peregrinações aconteceu que alguns ladrões o acometeram no caminho e lhe furtaram o dinheiro que levava para a viagem e, perguntando-lhe depois se tinha mais dinheiro, o servo de Deus respondeu que não; mas mal os ladrões se haviam algum tanto afastado, quando, lembrando-se o servo de Deus de que tinha algumas moedas escondidas no vestido que levava em cima, chamou-os de novo e lhes disse: «Eu me havia esquecido destas moedas que tinha aqui guardadas; eu não quero dizer nenhuma mentira e assim tomai também estas moedas que me ficaram.» Os ladrões ficaram atônitos a este oferecimento e, admirando sua virtude e movidos da santidade que se descobria em seu rosto, não somente não lhe tiraram aquelas moedas, mas lhe restituíram todas as que lhe haviam já furtado, pedindo-lhe perdão de seu atentado e partindo-se de sua presença muito compungidos de seu pecado. E na verdade, assim no porte do servo de Deus como em todas as suas ações e discursos resplandecia uma singular piedade que lhe conciliava uma grande estimação de todos os que tinham ocasião de falar e tratar com ele. Daqui resultou que, tendo vagado a igreja paroquial do lugar de Olkusz, cinco milhas distante da cidade de Cracóvia, os reitores daquela universidade, a quem pertencia provê-la de pastor, elegeram a pessoa de João, seu bem-aventurado companheiro, e lhe confiaram a administração dela, a qual o servo de Deus aceitou de má vontade e só por obediência. Cumpriu o Santo com muita diligência e igual fruto das almas que tinha confiadas a seu cargo com todas as funções de um bom e vigilante pastor, apascentando-as com o pão da palavra de Deus e com os exemplos de sua santa vida, socorrendo com muita caridade todas as necessidades assim espirituais como temporais de seus fregueses. Mas depois de algum tempo, fazendo-lhe muita impressão os perigos que vão unidos com a cura das almas e temendo, atendida a delicadeza de sua consciência, fazer-se culpável diante de Deus de alguma omissão, tão fácil de cometer-se na cura pastoral das almas, rogou com muitas instâncias aos sobreditos reitores da universidade que o descarregassem daquele peso, que para sua profunda humildade era intolerável. Tendo obtido a graça desejada, voltou a continuar as primeiras funções de ensinar as sagradas Letras aos clérigos jovens, destilando, como acima se referiu, não menos em sua mente a doutrina da Igreja que em seu coração a piedade cristã, a fim de que com o tempo saíssem bons e doutos ministros nos ofícios da Igreja; ocupação verdadeiramente digna de ser imitada daqueles eclesiásticos que, sendo dotados de talento e de ciência, se acham em estado de poder formar bons alunos, de que costuma haver tanta escassez para o serviço da Igreja. Continuou também o Santo em pregar a palavra de Deus com igual zelo e fruto de numeroso concurso de toda sorte de pessoas que acudiam a ouvir um pregador que com os exemplos de sua santa e irrepreensível vida confirmava o que ensinava com suas palavras. Finalmente, não havia obra de misericórdia que, estimulado de sua inflamada caridade, não abraçasse e praticasse com muito gosto, já com os presos detidos nas públicas cadeias, procurando-lhes todo o alívio e consolo possível; já com os enfermos do hospital, visitando-os para consolá-los em suas enfermidades e exortá-los a sofrer seus males com paciência e resignação; já

empregando-se em socorrer as pessoas que a ele recorriam em suas necessidades; de modo que ele era como o comum pai das pessoas aflitas e atribuladas.

Havia já cumprido nosso Santo os sessenta e sete anos de sua idade quando experimentou que perdia notavelmente as forças de seu corpo, maltratado de suas penitências e das muitas fadigas padecidas pela glória de Deus e pela salvação de seus próximos. Então, prevendo que tinha próxima a morte, que olhava como o término de seu desterro neste vale de misérias, preparou-se a ela com atos de mais ardente caridade e com distribuir aos pobres de Cristo as poucas coisas que lhe ficavam e que serviam a seu necessário uso. Com efeito, pouco depois foi acometido de sua última enfermidade, a qual sofreu não só com paciência, mas também com muita alegria e gozo de sua alma, repetindo com frequência aquelas palavras de Davi: «*Heu mihi! quia incolatus meus prolongatus est*»: Ai de mim! Que se tem prolongado tanto minha habitação neste vale de lágrimas: com as quais palavras declarava os ardentes desejos que tinha de ser desatado das prisões do corpo para chegar logo à bem-aventurada pátria do céu. Recebeu com extraordinária devoção os santos Sacramentos da Igreja e, cheio de confiança na divina misericórdia, dormiu o sono dos justos a 24 de dezembro de 1473. Seu corpo foi sepultado na igreja colegiada de Santa Ana da cidade de Cracóvia; e Deus nosso Senhor se dignou ilustrá-lo com muitos milagres, os quais testificaram sempre mais e mais aos homens sua heroica santidade, da qual a Santa Sé deu um público testemunho no ano 1680, escrevendo-o no número dos Beatos. Mas crescendo sempre mais a devoção da nação polonesa, e especialmente da cidade e universidade de Cracóvia, para este seu cidadão e obrando-se em seu sepulcro novos e contínuos milagres, a santidade de Clemente XIII o canonizou solenemente no mês de julho de 1767, junto com os beatos Jerônimo Emiliano, José de Calasanz, José de Cupertino e Joana Francisca de Chantal, aprovando para este fim diferentes milagres autenticados.

Missa (oração)

A missa é em honra de São João Cancio, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut sancti Joannis confessoris exemplo in scientia Sanctorum proficientes, atque aliis misericordiam exhibentes, ejus meritis indulgentiam apud te consequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que, aproveitando na ciência dos Santos com o exemplo de São João, confessor, e exercitando as obras de misericórdia com os demais, por seus méritos obtenhamos em vossa presença o perdão de nossos pecados. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 2 da de São Tiago, apóstolo (o impresso traz «11»).

Tiago 2,12-17

> **Latim:** [12] Sic loquimini, et sic facite sicut per legem libertatis incipientes judicari. [13] Judicium enim sine misericordia illi qui non fecit misericordiam : superexaltat autem misericordia judicium. [14] Quid proderit, fratres mei, si fidem quis dicat se habere, opera autem non habeat ? numquid poterit fides salvare eum ? [15] Si autem frater et soror nudi sint, et indigeant victu quotidiano, [16] dicat autem aliquis ex vobis illis : Ite in pace, calefacimini et saturamini : non dederitis autem eis quæ necessaria sunt corpori, quid proderit ? [17] Sic et fides, si non habeat opera, mortua est in semetipsa.

Português: [12] Fallai pois de tal sorte, e de tal sorte obrai, como quem principia a ser julgado pela lei da liberdade. [13] Porque se fará juízo sem misericordia áquelle, que não usou de misericordia: mas a misericordia triunfa sobre o juízo. [14] Que aproveitará, irmãos meus, a hum que diz, que tem fé, senão tem obras? Acaso podello-ha salvar a fé? [15] Se hum irmão porém, ou huma irmã estiverem nús, e lhes faltar o alimento quotidiano, [16] e lhes disser algum de vós: Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos: e não lhes derdes o que hão de mister para o corpo, de que lhes aproveitará? [17] Assim tambem a fé, se não tiver obras, he morta em si mesma.

Reflexões

Nenhuma coisa faz os homens mais semelhantes às feras que a desumanidade, e nenhuma é mais própria de um verdadeiro cristão que a misericórdia. Com muita frequência no-la inculcou Jesus Cristo, fazendo dela como um mandamento, preceito seu muito particular, querendo que as obras de misericórdia fossem como as únicas condições ou precisos títulos pelos quais nos havia de conferir o reino dos céus e como o meio único para desarmar sua justa cólera contra nossos pecados e achar misericórdia em seu justo tribunal, no qual se fará justiça sem misericórdia ao que não usou misericórdia. A quanta bondade, a quanta compaixão, a quanta liberalidade nos obrigam estas verdades? A caridade que teremos com nossos irmãos será, digamo-lo assim, a medida da que Deus usará conosco, de modo que a sentença de aprovação ou reprovação não será fundada precisamente senão no exercício ou no haver-se negado a estas obras de misericórdia. «Vinde, benditos de meu Pai, dirá aos escolhidos, a possuir o reino que vos está preparado desde a constituição do mundo; porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber»; e aos réprobos: «Apartai-vos de mim ao fogo eterno, que está preparado para o diabo e para seus anjos; porque tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; não tinha

onde recolher-me e não me hospedastes; estava nu e não me vestistes; estive enfermo e no cárcere e não me visitastes.» E quais são os efeitos que produzem em nós estas terríveis verdades? Ah! Em vão nos diz o Salvador que ele mesmo é o que nos pede esmola; que a ele mesmo lha damos quando socorremos nossos irmãos infelizes: «A mim o fizestes»; tem-se por uma figura retórica que se lê ou se ouve com admiração. Crê-se por ventura que a esmola que se faz se dá ao mesmo Jesus Cristo? Crê-se que Jesus Cristo é o que geme nos calabouços onde tudo lhe falta? Crê-se que é ele o que desfalece nos hospitais, o que morre de fome e de miséria nas casas particulares, enquanto há quem engorda entre a abundância e enquanto os regalos, a profanidade e os excessos encurtam os dias da vida de tantos cristãos? Julgas que foi efeito da casualidade ou da indústria que os bens se hajam como desatado sobre tua casa e sobre tua família? Aquele Deus que tudo dispõe com infinita sabedoria te fez rico para que fosses pai, tutor e curador dos pobres. Como tenhas cuidado de alimentar a estes que Deus pôs a teu cargo, consente o mesmo Senhor que tu te pagues o primeiro; porque não os esqueceu na economia de sua providência. Deu-te Deus esses bens com a condição e carga indispensável de cuidar dos infelizes: e cumpre-se no dia de hoje com uma obrigação tão sagrada? Oh Deus! Quantos ricos se condenam por não haver socorrido aos pobres! Quantos experimentarão a seu pesar que se fará juízo sem misericórdia ao que não usou misericórdia!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas (o impresso remete à página do dia 19).

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Sobre a importância de procurar a salvação da alma

Primeiro ponto

Considera que nenhum bem há neste mundo, de qualquer maneira que possa pertencer-lhe, que te interesse tanto como a salvação de tua alma; e por consequência este cuidado deve ser o primeiro entre todos os teus cuidados e ocupações.

Para pesar o mérito das coisas não podes achar regra mais segura que o juízo de Deus, manifestado em suas santas Escrituras e confirmado com as operações de seus eleitos. Porque que erro poderás temer-te de uma infinita sabedoria nem que dano poderás temer de uma infinita bondade? Pois, agora bem: nada há para nosso grande Deus tão amável, tão precioso e tão desejado como a salvação de nossas almas. Para este fim criou os céus e a terra: a este objeto dirigiu sabiamente todas as coisas e mal há um ser neste mundo que não nos lembre que tudo é vão, tudo é inútil, menos a salvação de nossas almas. Se consideras depois as diligências praticadas por Deus para proporcionar-te a consecução de tão grande fim, faz-se preciso que a persuasão chegue em ti até a evidência. Porque que omitiu para ensinar-te o caminho da salvação? Que auxílios e que graças te escasseou para que pudesses amá-lo livre de ciladas e de perigos? Só com que consideres que para este fim enviou seu Filho unigênito ao mundo: para este fim se escreveram os Evangelhos, pregaram os Apóstolos e sofreram tantos Santos o martírio, basta para que formes um conceito justo do sumo apreço e estimação com que olha Deus este negócio.

Isto que se diz a respeito de Deus deve ter uma força muito maior a respeito de ti mesmo; porque que coisa pode haver nos céus nem na terra que possa interessar tanto como a salvação de tua alma? Nesta matéria não se trata de um bem particular, cuja perda desconcerte por um momento e transitoriamente tua felicidade. Trata-se de um bem que reúne em si todos os bens: de um bem que te pode fazer inteiramente venturoso e cuja perda eternamente desventurado: de um bem, enfim, que, uma vez perdido, chegas a perder até a mesma esperança, que é o último de todos os bens e o único consolo que fica ao infeliz e ao pecador em meio dos maiores males. E deves considerar que, quando trabalhas pela salvação de tua alma, trabalhas para ti exclusivamente; adquires um bem que unicamente se há de refundir em só tua pessoa e um bem, finalmente, que ele só basta para assegurar todas as tua felicidade. E sendo isto assim, serás tão néscio que percas o sono e a comodidade por adquirir os bens do mundo, desprezando este que tanto te interessa? Porás todavia todos os teus anelos em que teus herdeiros fiquem ricos, em que tua família viva com opulência, em que te admirem teus concidadãos, solicitar o bem do Estado e outros bens que tampouco te pertencem, e unicamente hás de descuidar da salvação de tua alma?

Segundo ponto

Considera que não basta estar persuadidos da importância da salvação de nossa alma se em todas as nossas obras não no-la propomos por objeto, dirigindo a este fim todos os nossos desvelos e todos os nossos cuidados.

Assim como nada aproveita crer todos os mistérios da Religião e dar um firme assenso às verdades reveladas se as obras não confirmam a sinceridade de nossa crença; da mesma maneira se pode dizer que nada importa conhecer que a salvação da alma é o bem mais apetecido de Deus e mais importante para nós se não fazemos ver nas obras a eficácia desta persuasão. Portanto, precisados neste mundo a formar sociedade com os demais homens e a tratar uma multidão de negócios que podem servir para nossa salvação eterna ou para nossa eterna condenação, devemos estar alerta e perguntar-nos a nós mesmos no princípio, no meio e fim de nossas obras: que proveito pode trazer-me isto para a salvação de minha alma? Por este meio lograrás dirigir ao fim mais interessante de toda a tua vida as coisas mais mínimas, que, por desprezíveis que sejam, podem ter grande conducência para adquirir-te o bem dos bens. Este é um meio dos mais poderosos para evitar os pecados e converter em obras úteis para a vida eterna as ações mais indiferentes. Pergunta-te, ao tempo que te preparas para um festim ou para assistir a um espetáculo: que proveito me resultará destas diversões para a salvação de minha alma? Nos negócios que te vês precisado a tratar por teu ofício, por teu emprego ou por teu estado; na educação de tua família, nas conversações familiares e em todas as ações da vida, pergunta-te: que benefício poderá produzir-te aquilo para a salvação de tua alma? Eu sei que, se teu coração não é mais insensível que o bronze e tua obstinação igual à de um precito, esta só pergunta ponha freio a tuas paixões e te afaste dos precipícios. Porque como é possível que se deixassem os homens correr tão a rédea solta atrás de sua perdição se tivessem presente o único negócio de sua vida, que é a salvação de sua alma? Como é possível que a mulher profana fixasse sua atenção nos adornos lascivos se, ao tempo de ataviar-se, se lembrasse de que havia nascido para uma felicidade eterna e para salvar uma alma redimida com o sangue de Jesus Cristo?

«Nada aproveita ao homem, diz-se no Evangelho de São Mateus (cap. 16), adquirir todos os bens do mundo, se sua alma padece algum detrimento.» Esta verdade tão sólida e tão luminosa, que se faz entender por si mesma, está-te executando em todas as ações de tua vida. Portanto, todas elas as deves dirigir a este importante fim, porque, como diz São João Crisóstomo (Homil. 2 in Joan.), é a maior de todas as loucuras que, velando continuamente nosso comum inimigo para a perdição de nossas almas, nós, pelo contrário, hajamos de estar dormidos, sem pôr igual diligência por nossa salvação à que para nossa perdição põe o demônio. Este dragão infernal anda ao redor de nós, diz o apóstolo São Pedro, como um leão embravecido para devorar-nos. Nas ações mais mínimas de nossa vida nos estende laços e ciladas, por consequência necessita-se toda a nossa vigilância e toda a graça de Deus para eludir seus artifícios. Daqui se infere que todas as tuas obras, todas as tuas ações, todos os teus pensamentos e conatos os deves dirigir a um só objeto, que é a salvação de tua alma.

Jaculatórias

Meu Deus deseja sinceramente a salvação de todos os homens e, para consegui-la, lhes tem dado os meios necessários. (1Tm 2.)

Pereça, pois, e fuja de mim todo ganho dos bens do mundo, contanto que minha alma não padeça detrimento. (Santo Euquério, epístola a Valeriano.)

Propósitos

1. O negócio da alma não somente é o primeiro e principal entre todos os negócios, mas é o único e o necessário. O mesmo Jesus Cristo pronunciou esta verdade em casa de Marta, defendendo a inação de Maria, acusada de sua irmã porque não atendia aos negócios da casa e se ocupava unicamente em ouvir a celestial doutrina aos pés do Salvador. «Marta, Marta, disse-lhe, andas demasiado solícita nos negócios do mundo e sua multidão te distrai e te fatiga; tem entendido que uma só coisa é necessária e que Maria elegeu esta, que é a salvação da alma, a qual lhe há de durar para sempre.» Estas palavras te ensinam que entre todas as coisas do mundo não há nada que não te seja supérfluo senão a salvação de tua alma. Essa dignidade que tanto apeteces e que pretendes lograr por meio de baixezas e de injustiças de nenhuma maneira te é necessária. Essas riquezas que apetece teu coração; esse luxo em que tanta satisfação encontra tua alma; essas delícias em que vives engolfado; essa sabedoria de que vãmente te prezas e que realmente é ignorância diante de Deus; essa frágil formosura tão exposta à corrupção e que há de ser pasto de vermes num sepulcro; essa glória, essa honra e essa fama que te alucinam até o ponto de desprezar tua vida e tua salvação; nada disso te é necessário, antes bem tudo isso te é nocivo. Daqui podes inferir quais deverão ser teus propósitos neste dia; devem ser sem dúvida a salvação de tua alma. Este só objeto deves propor a todas as tuas ações e refletir o que diz Hugo de São Vítor: Jesus Cristo morreu uma vez por tua salvação; se chegas a perdê-la, não há outro Cristo que volte a padecer morte e paixão para que possas recuperá-la. Até este ponto, ó Deus meu, tenho andado dissipado, pondo minha atenção nos bens passageiros do mundo que nada me interessam. Vós, por vossa divina misericórdia, me haveis feito conhecer o errado de minha conduta. Sem Vós não há bem que possa chamar-se propriamente tal. O que não vos possui, ainda que obtenha todos os bens do mundo, é verdadeiramente pobre. O que a Vós vos perde, tudo o perdeu e perdeu-se a si mesmo. Daqui em diante Vós sereis o único objeto de minhas fadigas e o norte seguro aonde se dirijam minhas esperanças. Tendo-vos a Vós, terei segura a salvação de minha alma e poderei confiar que cooperarei também à de meus próximos. Não se apartará de minha memória o que diz vosso divino espírito no Eclesiástico (cap. 14): «O que para si é mau, para quem poderá ser bom?» Se eu desprezo minha salvação, como será possível que procure a de meus irmãos? Lançai, Deus meu, vossa soberana bênção sobre estes pensamentos que me inspira vossa misericórdia e dai-me graça para permanecer firme nestes santos propósitos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:49 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:49 by Admin